

LITERATURA E ESCOLA: CAMINHOS PARA A FORMAÇÃO DO SUJEITO LEITOR

LITERATURE AND SCHOOL: PATHS TO THE FORMATION OF THE SUBJECT READER

André Luis Rocha da Silva¹

Mestre em Letras

Escola Municipal Rita Espíndola – Cachoeirinha/PE

(andre_rocha@outlook.com.br)

Mauri Célio Alves Santana²

Mestre em Letras

Colégio Visão – Santa Maria da Boa Vista/PE

(maurisantana2009@hotmail.com)

RESUMO: O presente trabalho discute um tema bastante recorrente nas academias e pesquisas científicas em geral: o papel da literatura na formação do sujeito leitor. O intuito, com isso, não é fazer novas considerações teóricas acerca desse processo, mas buscar uma reflexão dele a partir da visão de alguns estudiosos e de elementos representativos da literatura e do ensino dela na escola. Essa discussão se faz cada vez mais urgente para que possamos encontrar caminhos mais significativos para o ensino de literatura e provocar o professor a refletir também sobre essa questão. Não podemos aceitar que esse ensino seja reduzido a simples fragmentos apresentados no livro didático. Considerando que a literatura já teve seu lugar de destaque no contexto escolar, no que se refere à arte poética e ficcional de encantar, emocionar, entre outras tarefas que a ela competem, então, por que tomar outro caminho que a coloca em perigo? Para fundamentar nossas ideias, autores como Compagnon (2009), Cândido (1995), Rouxel (2013), Todorov (2009), Xypas (2018), entre outros, fazem uma aproximação teórica relevante com cada ponto discutido neste trabalho. O artigo percorre sobre pontos desde a função da escola e do ensino da literatura para a formação do sujeito até a compreensão da literatura como um direito humano. O que se pode perceber é que há, ainda, um longo caminho a ser percorrido até que o ensino de literatura nas escolas possa ser desenvolvido de modo que as críticas sejam atenuadas.

Palavras-chave: Escola. Ensino. Literatura. Sujeito-leitor.

ABSTRACT: This paper discusses an issue wide debated in academic settings and scientific researches in general: the role of literature in the formation of the subject reader. We do not intend to provide new theoretical considerations about this process but reflect on it from the point of view of some scholars. We also intend to focus on representative elements in literature as well as literary education in schools. This discussion becomes even more urgent so that we can find more meaningful paths for teaching literature and provoke the teacher to reflect on this issue as well. We can not accept that this teaching should be reduced to simple fragments presented in the textbook. Literature has already had a prominent place in the school context regarding poetic and fictional art enchanting and thrilling, among other tasks that belong to it. Then, why take another path that puts it in danger? To ground our ideas, authors such as Compagnon (2009), Cândido (1995), Rouxel (2013), Todorov (2009), Xypas (2018), and

¹ ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6419-2190>.

² ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0627-2042>.

others have proposed important theoretical assumptions that are near to each point discussed in this study. The article runs through some topics from the role of the school and the literature teaching for the formations of the character to the understanding of literature as a human right. What can be seen is that there is still a long way to go until the teaching of literature in schools can be developed in a way that the criticism is mitigated.

Key words: School. Teaching. Literature. Subject reader.

Introdução

Naturalmente, considera-se o homem um ser histórico e social, dotado de habilidades intelectuais, que, em contato com o mundo do conhecimento, desenvolve a capacidade de constituir-se sujeito, capaz de transformar a realidade. Por isso, uma série de fatores pode ser determinante para essa formação humana, sobretudo, as contribuições da educação formal, dadas ao sujeito, por meio da escola.

A partir desse ponto de vista, não podemos compreender a escola como um canal de transmissão de conhecimentos, que forma pessoas para uma sociedade previamente estabelecida. É preciso pensar a escola como espaço social e cultural, que viabiliza aos seus integrantes as condições necessárias para a construção de saberes com vistas à formação de uma nova sociedade, a partir de uma visão crítica-reflexiva dos sujeitos sobre as coisas.

Por volta da década de 80, Soares (2017, p. 14)³, já afirma que a escola (pública) é uma lenta conquista das camadas populares. Nesse processo, destacamos o fato de o surgimento da escola derivar na necessidade popular. Não basta encarar essa aparição como o sinal de uma luta vencida. Embora já se tenha passado algum tempo dos primeiros escritos de Soares (2017) até os dias de hoje, ainda não é possível dar a vitória dessa batalha ao povo, porque ainda não há escolas para todos, e muitas das que existem “são contra o povo” (SOARES, 2017). Ainda há muito o que se conquistar, mas é preciso considerar esse achado como o lugar de transformação social e intelectual, por meio de práticas educacionais sistematizadas. É este espaço transformador que criará mecanismos reais de veiculação e problematização de

³ Importa salientar que o livro **Linguagem e escola: uma perspectiva social** foi escrito por Magda Soares na década de 80, ocasião em que a autora faz afirmações sobre a necessidade de escolas “para o povo” e não “contra o povo”, levando em conta o mínimo de instituições escolares públicas destinadas ao ensino das crianças e adolescentes no Brasil, naquela época. Dado o tempo percorrido de lá para cá, há que se considerar muitas conquistas no âmbito das lutas por uma educação de qualidade, sobretudo no aspecto quantitativo. Mesmo assim, muito da problemática posta por Soares ainda precisa ser levada em consideração, principalmente em pesquisas com relação ao ensino de leitura na escola, inclusive no aspecto qualitativo, quando, segunda a autora, é preciso ter a certeza de que a escola que temos é realmente “para o povo”.

objetos de ensino para a discussão e promoção de saberes múltiplos, necessários à formação e transformação humana.

Nesse sentido, destaca-se também a importância da escola e da sua função social para a formação do aluno enquanto sujeito crítico e socialmente organizado. Dessa maneira, ratificamos a importância de considerar a escola como um cenário social de construção do conhecimento sistematizado que viabiliza a criação das condições necessárias para a socialização de saberes individuais, previamente adquiridos. O conhecimento pessoal em contato com um novo conhecimento dá vida a uma nova visão das coisas, ou proporciona a ampliação daquilo que já se tinha conhecimento, pois, como assegura Abreu (2006, p. 112): “Alargar o conhecimento da própria cultura e o interesse pela cultura alheia pode ser um bom motivo para ler e para estudar literatura”.

A partir dessas ideias, a qualidade do ensino também merece destaque no processo de construção do conhecimento sistematizado e tem papel relevante na formação humana. É o ensino que aponta os caminhos para os quais o aluno deve seguir e as reflexões que merecem ser feitas sobre determinadas coisas. Além do mais, o processo de ensino carrega a enorme responsabilidade de apresentar ao sujeito caminhos para a apropriação e edificação dos saberes necessários a sua formação, seja humana, social, cultural ou política.

Com base nesse conteúdo introdutório, este trabalho pretende apresentar ideias acerca do ensino de literatura na escola e sua relação com a formação humana do sujeito. Para isso, apresentaremos considerações a respeito da relação social e pedagógica existente entre a escola e o ensino de literatura, além de outros pontos relacionados ao papel da literatura na construção do sujeito, considerando o espaço escolar como ambiente propício para a problematização do texto literário.

O lugar do texto literário

A literatura, a propósito, já alcançou lugar de destaque no contexto escolar, no que se refere à arte poética e ficcional de encantar, emocionar, entre outras tarefas que a ela competem. Se considerarmos o texto literário como um elemento enunciador de outros mundos e outras vidas, perceberemos que tal tarefa foi, outrora, bem desempenhada pela literatura na escola. Tanto a ficção como a poesia, em algum momento, tiveram o poder de enriquecer a vida e o pensamento. Na visão de Todorov,

esse é um fato que parece não ser mais tão comum para os dias de hoje, o que, para ele, parece perigoso (TODOROV, 2009).

Nos últimos anos, o que temos visto na escola, e mesmo fora dela, não diz respeito a uma sequência linear de acontecimentos relativos à ambição pela leitura do texto literário. Pelo contrário, cada vez mais, a busca por uma literatura que “facilite” o trabalho com a leitura - inclusive em decorrência da dificuldade de lidar, pedagogicamente, com as questões subjetivas do texto literário – torna-se ligeiramente crescente, mesmo não alcançando os mesmos resultados. O texto literário não deve ser confundido ou substituído por qualquer outro; é preciso enxergar e valorizar a sua carga estética, a sua linguagem ficcional, a sua função poética, entre outras características que o compõem; não seria tão simples assim trocar uma coisa pela outra. Certamente, há de se encontrar lugar de discussão para todos os textos. No caso do texto literário, a escola é o lugar ideal para esse processo. Para Candido (1972, p.3) a prática de leitura do texto literário “ilustra em profundidade a função integradora e transformadora da criação literária com relação aos seus pontos de referência na realidade [...]”, porque

mostra como as criações ficcionais e poéticas podem atuar de modo subconsciente e inconsciente, operando uma espécie de inculcamento que não percebemos. Quero dizer que as camadas profundas da nossa personalidade podem sofrer um bombardeio poderoso das obras que lemos e que atuam de maneira que não podemos avaliar (CANDIDO, 1972, p. 4).

Ao nos determos numa discussão mais aprofundada sobre a relação do texto literário como a escola, podemos refletir sobre o que diz Todorov (2009). Para ele, o que se estabelece como perigo nesse contexto não diz respeito a uma diminuição no nível intelectual de poetas ou ficcionistas, nem na qualidade das produções literárias; sua preocupação está ligada ao fato de a literatura passar a ser vista na escola apenas como uma matéria escolar. Por essa razão, ela não assume o propósito ideal, e sim um caminho inverso a ele, tendo em vista que o estudante entra em contato com a literatura por outros meios metodológicos e institucionais, quando o texto literário deveria ser a porta de entrada para esse universo, e a escola tem papel fundamental nessa investida pedagógica e humana. Para Cosson (2012, p. 23) "Seja em nome da ordem ou do prazer, o certo é que a literatura não está sendo ensinada para garantir a função social de construir e reconstruir a palavra que nos humaniza."

Ainda respeito dessa questão, Compagnon (2009), traz reflexões significativas e dignas da nossa consideração, não apenas com relação a escola, mas relacionadas a outras esferas da sociedade.

O espaço da literatura tornou-se mais escasso em nossa sociedade há uma geração: na escola, onde os textos didáticos a corroem, ou já a devoraram; na imprensa, que atravessa também ela uma crise, funesta talvez, e onde as páginas literárias se estiolam; nos lazeres, onde a fragmentação digital fragmenta o tempo disponível para os livros (COMPAGNON, 2009, p. 21).

Tal reflexão dialoga com a afirmação de Todorov (2009), ao mencionar o perigo por que passa a literatura.

Entre outros contextos atingidos por esse caos, consideremos a escola e o ensino como os principais fatores que norteiam as reflexões necessárias para este estudo. É fato que a literatura está, também, para além da escola e que caminhos alternativos para a divulgação e leitura do texto literário merecem ser destacados, não apenas num contexto histórico remoto, mas, sobretudo nos dias atuais, com o avanço da internet e da tecnologia de um modo geral. Essas evidências nos levam a pensar, mais especificamente, sobre o poder encantador que tem a literatura.

Sem desconsiderar tais evidências da desvinculação da literatura à escola, destacamos que, para este trabalho, nos voltamos a questões mais didáticas relacionadas ao ensino da literatura. É na escola, a partir de uma proposta sistematizada do ensino que o sujeito terá acesso à leitura de obras literárias, indicadas num projeto de ensino, ou até mesmo pela influência de amigos e/ou colegas de classe.

Antes de refletirmos acerca da leitura do texto literário na escola, pensemos um pouco acerca de o que é a leitura. A leitura ultrapassa os limites da informação e do lazer. Geraldi (1988), por exemplo, considera que a atividade de leitura é uma “co-produção do texto, uma vez que ao ler o texto, é preciso ultrapassar o já sabido e reconhecido para uma compreensão do que se lê” (GERALDI, 1988, p. 1). À escola, cabe a formação do leitor, e o desenvolvimento dessa habilidade será um fator determinante na formação integral do aluno, uma vez que a leitura promove uma relação dialógica entre o sujeito e o mundo.

A leitura do texto literário, por sua vez, ainda é mal compreendida na escola. Começemos por um discurso bastante atual entre estudiosos da literatura e da teoria

e crítica literária: a leitura do texto literário não pode ser pretexto na escola. Esse enunciado está carregado de muitos significados, que, provavelmente, não cheguem com tanta facilidade aos professores, ou talvez, estes não tenham uma compreensão precisa para tal questão. O fato é que essa ocorrência se propaga cada vez mais no dia a dia da sala de aula de literatura, ou mesmo de língua portuguesa.

Se estamos preocupados com essa ameaça ao futuro da literatura na escola, ou dos efeitos dela no contexto escolar, precisamos atentar para o fato de que o papel do professor nesse processo é o ponto de partida para a reversão do caos. Xypas (2018) confirma a necessidade de nos atentarmos a isso.

É necessário que a literatura na escola seja contemplada com um agir professoral que viabilize seu ensino, por pelo menos dois motivos: o primeiro, é que não pode mais haver Literatura sem leitura de textos literários; e o segundo, é que a compreensão escrita, se ensina porque nenhum conhecimento se constrói fora da consciência (XYPAS, 2018, p. 12).

Em relação ao primeiro motivo, nesse processo de intervenção professoral, o leitor será visto como um sujeito leitor, aquele que precisa lançar mão das ideias explícitas do texto e tentar ampliá-lo com novas possibilidades de respostas a si mesmo. Isso vai confrontar modelos didáticos de atividades que promovem uma leitura evasiva, ou a visualização do óbvio na superfície do texto.

A atividade de leitura do texto literário deve ser vista como um encontro com um novo universo, real ou imaginário; ou como “um reencontro revivido pela memória de quem o lê” (XYPAS, 2018, p. 13). O segredo da leitura do texto literário está na subjetividade exercida por quem o lê, cujo objetivo está centrado na formação de um leitor ativo.

A consciência do que se sente e do que se sabe vem em seguida na enumeração dos motivos para uma intervenção professoral. É preciso deixar claro a necessidade de ver o “aluno-sujeito-leitor”, como um leitor real, porque este poderá preencher os vazios deixados no texto, ou até mesmo, dar forma a um novo texto a partir da subjetividade (XYPAS, 2018). Com isso, talvez possamos desconstruir a supremacia do “aprender” sobre o “ler”, cultivada na escola.

Analisando esses dois principais motivos evidenciados por Xypas (2018) para uma possível superação do conflito no ensino do texto literário, chegamos à conclusão de que o leitor real precisa de espaço de liberdade no texto para que a ação da leitura

não desapareça com a ação do aprender, já que as duas operações exercem papéis complementares e não idênticos.

Para Rouxel (2013, p. 192), a atividade de leitura não deve ser programada para o fracasso na escola cujas “vítimas são o texto e o leitor”. Em outras palavras, o texto literário deve estar ao alcance do leitor na escola; o leitor, por sua vez, precisa desenvolver estratégias de exploração e reflexão desse texto por meio de habilidades individuais e subjetivas.

Dada as evidências sobre o ensino de leitura e o lugar de apropriação e problematização do texto literário até aqui, resta-nos confirmar o papel da escola nesse processo pedagógico e humanístico para a formação do sujeito leitor. Nesse sentido, cabe à escola garantir o trabalho efetivo com o texto literário em seus espaços de formação e transformação social e intelectual. Cabe ao aluno assumir o protagonismo de sujeito dependente da literatura para o seu desenvolvimento, sobretudo humano e intelectual.

Literatura: um direito do aluno e um dever da escola

É comum ouvirmos depoimentos e lermos diversos textos acerca dos prazeres e também da quebra de expectativas que a literatura traz ao leitor, seja a partir de obras clássicas, seja por meio de textos de fácil circulação entre as massas, o que nos leva a pensar sobre o papel da literatura. O que faz um texto causar encantamento a uns e estranheza a outros? O que torna uma obra de arte bela para uns enquanto parece tão banal para outros? As respostas para tais perguntas ainda parecem causar bastante polêmica, por isso não temos a pretensão de tentar respondê-las, mas de acrescentar outras reflexões relacionadas a essa questão no contexto da sala de aula.

Já abordamos anteriormente, neste trabalho, sobre a importância da subjetividade do leitor ao se relacionar com o texto literário. Esse contexto foi recuperado para trazer luz ao que pretendemos discutir a partir deste ponto. Partimos também do pressuposto de que a leitura perpassa os limites do óbvio e da superficialidade e transporta o leitor para o hemisfério da criação, da recriação e das possibilidades. Com base nisso, é possível concluir que nem tudo que está na superfície do texto é o que diz o texto. Portanto, todas essas evidências nos

encaminham para uma compreensão das interrogações mal respondidas, ou não respondidas.

Considerando o ensino de literatura na sala de aula, sobretudo o lugar do texto literário nas aulas de Literatura, pensemos como esse processo se dá e que implicações decorrem das ações diretamente vinculadas a ele: currículo, professor e livro didático (LD).

Não podemos negar que a escola tem papel fundamental na formação do sujeito e que, há muito tempo, a literatura tornou-se um valioso objeto de estudo para o desenvolvimento das ideias e do aflorar da intelectualidade. Por outro lado, temos a impressão de que essa essência se perdeu num espaço de tempo, ou pelo menos mudou de forma. Em tempos de modernização do ensino, os currículos trazem “o necessário”, o livro didático “compila o essencial do necessário” e o professor reproduz “o básico do essencial”. Não queremos com isso diminuir ou negar a importância desses elementos. O que está em questão é o tratamento dado ao texto literário nesse processo.

Compagnon (2009) afirma que o leitor é o elemento literário a ser examinado com maior urgência nos estudos literários. Isso, porém, não tem acontecido e a reação do sujeito leitor às obras literárias não merecem tanto destaque. Talvez isso explique o fato de o texto literário ser processado na escola da forma que o é. Por muitas vezes, o professor não tem a liberdade de inovar o ensino da Literatura, levando em conta o papel do sujeito leitor - ou por encontrar caminhos mais práticos, no caso do livro didático, ou por não ter despertado, na sua formação de professor, para esse papel. Não queremos encontrar culpados para esse desencontro pedagógico; nossa intenção é ativar a memória do leitor para esse fato e tentar apontar caminhos mais eficazes para o trabalho com o texto literário em sala de aula.

De acordo com Xipas (2018), na escola, os livros didáticos continuam apresentando atividades que tomam um caminho contrário ao que deveria ser feito com o texto literário. Este é colocado em evidência para a exploração de elementos da gramática ou de um texto qualquer, limitando a leitura literária ao autor e à Obra (XIPAS, 2018). Raríssimas são as tentativas de análise do deleite do leitor, já que este não consegue encontrar prazer nesse estilo de atividade.

A escola precisa formar e promover “leitores reais” (XIPAS, 2018) que ultrapassem o simples exercício do livro didático e passe a enfrentar o desafio do

autoquestionamento, da reelaboração de significados, e consiga sinalizar seus tempos e lugares de leitura, demonstrando sua real vivência em seu universo de expectativas no texto lido.

De fato, se um dos papéis da escola está relacionado à formação integral do educando em seu aspecto humano - e não mecânico - desse sujeito que se encontra em um processo de transformação, o ensino de literatura pode ser o responsável pelo desenvolvimento das habilidades que o sujeito (leitor do texto literário) necessita para desencadear seu pensamento crítico-reflexivo a partir do texto, e que este faça sentido e tenha significado; que aflore os sentimentos e amplie sua visão de mundo e que resulte em aprendizado. Portanto, o ensino do texto literário é um dos pilares do processo humanizador pelo qual o aluno está passando.

De acordo com Candido (1995, p. 178-179) a função da literatura estaria ligada a pelo menos três faces que, segundo ele, explicaria o seu caráter humanizador:

1) ela é uma construção de objetos autônomos como estrutura e significado; 2) ela é uma forma de expressão, isto é, manifesta emoções e a visão de mundo dos indivíduos e dos grupos; 3) ela é uma forma de conhecimento, inclusive como incorporação difusa e inconsciente.

É importante ressaltar que “o efeito das produções literárias é devido à atuação simultânea dos três aspectos” (CANDIDO, 1995, p. 179). A leitura do texto literário, portanto, é mais que uma simples forma de transmissão de conhecimento, como podemos ver nos fragmentos das produções presentes nos LDs e em seus exercícios “bem ou mal elaborados”; ela possibilita ao leitor perpassar por outras instâncias que vão além da própria aquisição/produção/construção do conhecimento.

Dessa forma, o ensino de literatura é tanto um direito do aluno quanto um dever da escola. Entretanto, para que o seu ensino seja eficaz, tenha o resultado esperado e que se coloque em prática o que já vem expresso em diretrizes governamentais, a exemplos dos PCNs de Língua Portuguesa (BRASIL, 1998) e da Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BNCC, 2018), é necessário, sobretudo, uma mudança de postura que produza um efeito enérgico com relação à forma de como os professores de português/literatura têm encarado este componente curricular na sala de aula. É preciso pensar, também, em como esses profissionais estão sendo

preparados nos cursos de Letras para lidar com a literatura e indagar sobre o espaço dado à literatura nos documentos oficiais que regem a educação no Brasil.

Para concluir, cabe salientar a importância de cada um assumir o seu real papel no processo de ensino: à escola, representada pelos seus sujeitos docentes, cabe o **dever** de ofertar com qualidade um ensino de literatura que contemple o texto literário como objeto central de ensino. Ao aluno, por sua vez, reserva-se o **direito** de acessar um ensino de literatura qualitativo com base nas potencialidades reveladas e comprovadas no texto literário, que encanta, emociona, transforma e humaniza, entre outras possibilidades inerentes a ele.

Considerações finais

Um ensino de literatura que tenha como foco a formação do sujeito leitor, que forneça as condições para este se desenvolver em todos os aspectos, talvez seja um tanto quanto quimérico. Isso colocaria uma carga muito pesada sobre os ombros da literatura, uma vez que atribuir tamanha responsabilidade a ela pode não soar razoável, pois imbricaria em pontos de tensão que não fazem parte da nossa discussão no momento. Falar de literatura é complexo e hermético, diante das inúmeras formas de pensamento, de reflexão e de ação que o tema desencadeia.

Embora um ensino dessa natureza pareça tão utópico e complexo, isso não é razão para desistirmos dele. A nossa discussão neste artigo propõe um espaço de debate sobre pontos que, possivelmente, nos aproximariam de uma realidade diferente para o trabalho com o texto literário, basta que desejemos refletir sobre os argumentos pontuados.

Para não determinar nossos argumentos como certos ou errados, deixamos para a reflexão outros pontos: se pensarmos no papel da literatura na escola e no espaço que a escola tem oportunizado à literatura, sob a perspectiva do lugar que o texto literário ocupa e sua função na sala de aula, chegaríamos a outros pontos controversos. Estaria, pois, a literatura em perigo, como afirma Todorov (2009)? Podemos, realmente, incluir a literatura como um direito humano, tal qual propõe Candido (1995)? Ou, ainda, o que podemos considerar literatura?

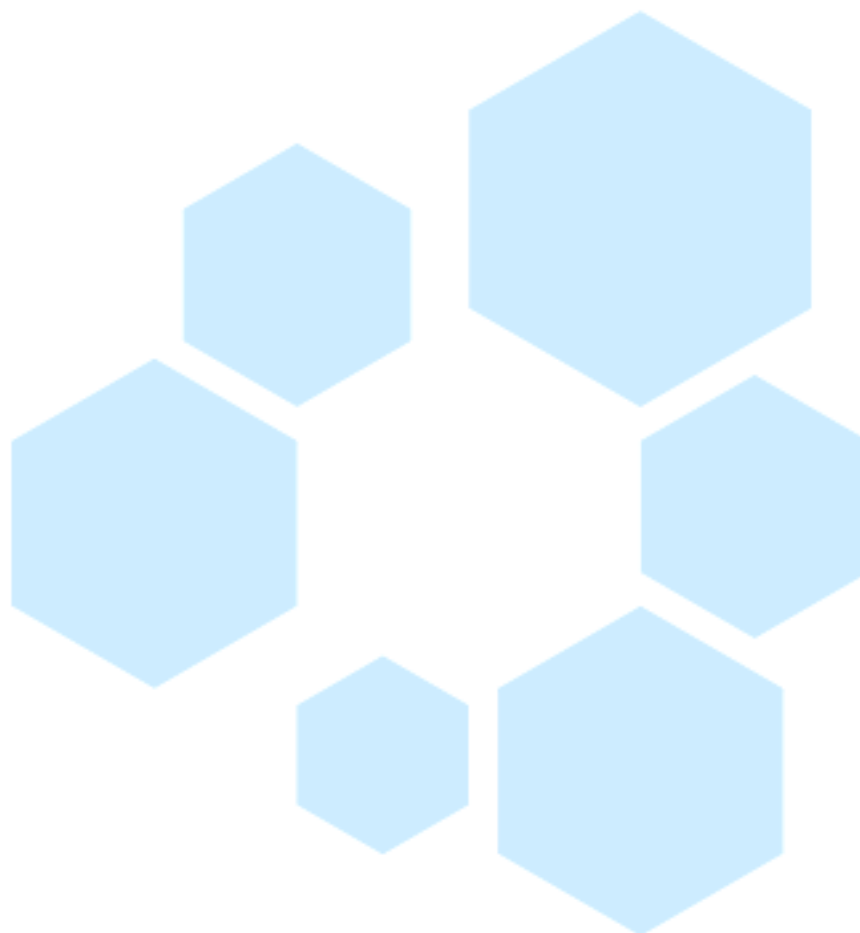
Essas e outras questões provocam inquietações e são difíceis de serem respondidas, até mesmo pelos mais veteranos e experientes críticos literários; por ora, à guisa de conclusão, chegamos ao fim do texto, mas nunca ao fim dos debates por

uma educação de qualidade, dissertando que a responsabilidade precisa ser dividida entre todos os que fazem a educação brasileira. Entretanto, cabe ao professor a tarefa de escolher bem as produções literárias a serem estudadas, prestigiando: textos de escritores locais; de escritores africanos de países lusófonos; de escritores conhecidos dos estudantes; de escritores canônicos. Entretanto, é necessário fazer o equilíbrio entre os textos canônicos e a literatura de massa. O professor precisa, antes de tudo, ser sensível a essas questões para que o sentido da literatura - formar sujeitos leitores de textos literários, críticos, reflexivos e mais humanos - seja concretizado. O aluno, por sua vez, precisa exigir da escola uma literatura que lhe proporcione benefícios.

Referências

- ABREU, M. **Cultura letrada: literatura e leitura**. São Paulo: Editora Unesp, 2006.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF, 2018.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CANDIDO, A. **O direito à literatura**. Vários escritos. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- _____. **A literatura e a formação do homem**. São Paulo: Ciência e Cultura, 1972.
- COMPAGNON, A. **Literatura para quê?**. Tradução de Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- _____. O leitor. In: **O Demônio da teoria**. São Paulo, Humanitas, 2001.
- COSSON, R. **Letramento Literário: teoria e prática**. 2. Ed. São Paulo: Editora Contexto, 2012.
- GERALDI, J. W. **A leitura na sala de aula: as muitas faces de um leitor**, publicado na revista Ideias, vol. 5, São Paulo: FDE, 1988.
- ROUXEL, A. O Advento dos leitores reais. In: ROUXEL, A. *et al.* (org.) **Leitura subjetiva no ensino da Literatura**. São Paulo: Alameda, 2013.
- SOARES, M. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. 18ª. ed. São Paulo: Contexto, 2017.
- TODOROV, T. **A literatura em perigo**. Tradução Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

XYPAS, R. **A leitura subjetiva no ensino de literatura**: apropriação do texto literário pelo sujeito leitor. Olinda: Nova Presença, 2018.



Recebido em 18 de agosto de 2020
Aprovado em 16 de novembro de 2020